



Análise de um arranjo produtivo local e suas contribuições para o desenvolvimento social e econômico local em uma comunidade de artesãos

Área Temática: Projetos Sociais e/ou Solidários

Maria Alice L. de Brito¹, Afonso F. de Sousa Junior², Belchior R. dos Santos³ Pallomma P. Lobato⁴ Victor R. dos Santos⁵

¹ Universidade Federal do Piauí, Campus de Teresina – UFPI – Teresina- PI – mariaalice@ufpi.edu.br

² Universidade Federal do Piauí, Campus de Teresina – UFPI – Teresina- PI – afonsojuniorcx@gmail.com

³ Universidade Federal do Piauí, Campus de Teresina – UFPI – Teresina- PI - belchiorrodrigues@gmail.com

⁴ Universidade Federal do Piauí, Campus de Teresina – UFPI – Teresina- PI - pallommalobato@hotmail.com

⁵ Universidade Federal do Piauí, Campus de Teresina – UFPI – Teresina- PI – vituurangel@outlook.com

Resumo

O objetivo deste artigo é apresentar um estudo sobre a continuidade do Polo Cerâmico do Poty Velho frente às mudanças promovidas e sugeridas pelos atores sociais e a percepção dos artesãos com relação à sua atividade, com foco de análise no comportamento empreendedor. Foram utilizados como instrumentos de pesquisa a entrevista semiestruturada e a pesquisa de dados bibliográficos. O estudo de caso do Polo Cerâmico do Poty Velho é um exemplo de iniciativa de como o estado e as organizações da sociedade podem contribuir para a melhoria da qualidade de vida das pessoas por meio de políticas estruturantes, fomentar o desenvolvimento local e permitir sustentabilidade para diversas famílias envolvidas. As mudanças promovidas pela intervenção dos atores estiveram voltadas para a formalização das entidades cooperativas, adaptação dos processos de fabricação, adoção de novas estratégias de comercialização, diversificação dos produtos artesanais, aperfeiçoamento das técnicas de modelagem do barro. Todas as ações conduziram para a consolidação do arranjo produtivo local que permitiu criar os alicerces para que os artesãos pudessem dar continuidade às atividades produtivas ao aprender a distribuir tarefas, controlar as receitas coletivamente, compartilhar práticas de gestão e outros conhecimentos responsáveis por manter coesos os valores e crenças da comunidade.

Palavras-chave: Empreendedorismo; Arranjos produtivos locais; Desenvolvimento social local; Associativismo; Cooperativismo.

1 Introdução

O sistema de produção de cerâmicas no bairro Poty Velho em Teresina tinha como foco principal a subsistência das famílias artesãs. O modelo de trabalho artesanal adotado proporcionava a sobrevivência da comunidade local mas de forma muito limitada pois a falta de profissionalização e conhecimento sobre o melhor gerenciamento dos produtos acabados para atender à demanda deixava a desejar em termos de qualidade, quantidade e variedade dos produtos oferecidos.



Os produtos dos ceramistas eram utilidades como tijolos, jarros, potes e filtros para água, geralmente vendidos nas portas das casas. Portanto, a capacidade produtiva estava limitada às condições de venda do artesão. Acresce a isso, a falta de espaço físico para criação de um estoque. Outros problemas agravavam ainda mais a situação como falta de infraestrutura e conhecimento técnico para diversificar o produto.

Diante dessa realidade, em 2006, uma ação política viria a mudar a realidade daquela comunidade por meio da parceria entre a Prefeitura Municipal de Teresina, o Governo do Estado do Piauí e a Associação dos Ceramistas do Poti (ACEPOTI) e, posteriormente, a Cooperativa de Artesanato do Poti Velho (COOPERART – POTI). O resultado da parceria, também abordada neste artigo como associativismo, proporcionou a implantação do Polo Cerâmico do Poty Velho, oferecendo estrutura, espaço, incentivos aos ceramistas e apoio de conhecimento por parte do SEBRAE-PI, também parceiro do processo de mudança (ALMEIDA, 2008).

Atualmente, o Polo Cerâmico disponibiliza aos artesãos pontos comerciais, área destinada à produção, armazenagem de matéria-prima e produtos acabados, fornos, estacionamento e demais ambientes que auxiliam no sistema produtivo do artesanato. Todo este aparato foi fundamental para a mudança de visão da comunidade local quanto ao negócio, tanto em relação às novas técnicas utilizadas na confecção dos produtos cerâmicos quanto à dinâmica competitiva dos produtores envolvidos. Dessa forma, passou a existir uma maior valorização e comercialização dos artigos dos artesãos, conquistando novos mercados e tornando esta atividade empreendedora geradora de emprego e renda.

Como consequência da ação estruturante dos agentes públicos e do associativismo dos artesãos, o Polo passou a ter autonomia de atuação, aperfeiçoando-se na autogestão e desenvolvendo práticas de empreendedorismo coletivo em que foi possível a troca de conhecimentos para o sistema produtivo, a comercialização e a gestão das atividades. Neste contexto, novos integrantes foram inseridos e melhorias contínuas e inovações foram estabelecidas nas práticas gerenciais e produtivas. O artesão de subsistência se transformou em artesão empreendedor. Os resultados deste trabalho mostra o potencial na formação de arranjos produtivos locais como fomentador do desenvolvimento social e econômico de uma região, além de despertar o empreendedorismo coletivo.

Já passados nove anos após a implantação do Polo, este artigo é fruto de uma investigação que teve com o objetivo de estudar se o Polo conseguiu dar continuidade às mudanças promovidas e sugeridas pelos agentes públicos e privados, também chamados neste trabalho como atores sociais, e a percepção dos artesãos com relação à sua atividade nos dias atuais em comparação ao seu passado, sendo o comportamento empreendedor também alvo de observação. Foram utilizados como instrumentos de pesquisa as entrevistas semiestruturadas e a pesquisa de dados bibliográficos.

Como resultado da investigação, obteve-se um estudo de perfil qualitativo o qual demonstrou a importância das intervenções públicas de poder para a consolidação de uma cultura empreendedora em comunidades locais. O estudo também demonstrou que novos arranjos produtivos são construídos com base em uma identidade cultural a qual é determinante para a manutenção do empreendimento e



desenvolvimento social local, sendo os atores sociais necessários para a disseminação e influência desta cultura.

2 Arranjos produtivos locais e sua importância para o desenvolvimento socioeconômico

Os arranjos produtivos locais (APLs) são aglomerações formadas por micro e pequenas empresas especializadas e concentradas geograficamente e que mobilizam a interação e cooperação entre os diversos agentes, como firmas, universidades, institutos de pesquisas, bancos de investimentos, escolas e governos (DALLA VECCHIA, 2006), associações de classes, instituições públicas e privadas além de outras voltadas para capacitação de recursos humanos, pesquisa e desenvolvimento e formação de mão de obra especializada, agregando também, entre outras características, o maior nível de interação, cooperação e articulação (MOURA, 2008).

Os APLs também são conhecidos como sistemas produtivos, *clusters*, sistemas locais de inovação, distritos industriais, redes sociais entre outros. As diversas definições possuem um enfoque na importância dos arranjos locais para o desenvolvimento das empresas e de sua capacidade inovativa uma vez que estão voltadas para a competitividade (CASSIOLATO; SZAPIRO, 2003; DALLA VECCHIA, 2006; MARINI; SILVA, 2012; FUINI, 2012).

Nos diversos estudos encontrados na literatura, os arranjos produtivos são abordados como aqueles que contribuem para as ações políticas de desenvolvimento local e social bem como a geração de emprego e renda. Em razão da sua importância econômica e social, as aglomerações tornaram-se alvo de análise para os formuladores de políticas como as políticas industriais (DALLA VECCHIA, 2006; CASSIOLATO; SZAPIRO, 2003). O conceito de aglomeração, na visão de Cassiolato e Szapiro (2003), tornou-se mais articulado por ter uma aproximação com a ideia de rede, em especial, no contexto de cadeias de suprimento e ao redor de empresas “âncora”.

Com base no levantamento da literatura realizada por Lemos (1997), os aspectos comuns nas abordagens sobre aglomerados locais são quanto à localização, em que se enfatiza a proximidade ou concentração geográfica das empresas, aos atores envolvidos os quais englobam pequenas empresas, pequenas empresas nucleadas por uma grande, associações, instituições de suporte, ensino e pesquisa, fomento, financeiras entre outras, e por fim, às características como divisão do trabalho, flexibilidade de produção e de organização, especialização, mão-de-obra qualificada, competição baseada em inovação, colaboração, fluxo de informações, identidade cultural, relações de confiança e complementariedades e sinergias. Já Marini e Silva (2012, p.119) destacam a dinâmica interna do APL como composta por “capital social, governança local, políticas públicas, ações conjuntas, e externalidades”.

Sampaio *et al* (2008) apresentam dois enfoques de arranjos os quais são classificados como arranjos institucionais cujo enfoque é sociopolítico e apregoa um tipo de arranjo interorganizacional que culmina na ação coletiva de interesse de agentes públicos e privados nas atividades produtivas. E os arranjos socioprodutivos de base comunitária são apresentados pelos autores como aqueles que possuem



um enfoque socioeconômico caracterizado pelas experiências participativas e associativas, as quais reconhecem o entorno territorial e valoriza o conhecimento tradicional-comunitário. Sampaio *et al* (2008, p. 82) conceituam o arranjo socioprodutivo de base comunitária como “um microempreendimento compartilhado (articulado) no qual se supera a competitividade utilitarista econômica e se privilegia ações no âmbito de uma rede de cooperação que revela a complexidade da economia real”. Este enfoque foi utilizado para fundamentar a análise do estudo apresentado neste artigo, trazendo em destaque o aspecto associativista do arranjo.

O associativismo possibilita a autogestão e promove o desenvolvimento de práticas relativas ao empreendedorismo coletivo como o compartilhamento de conhecimentos para financiar, produzir e comercializar (SAMPAIO *et al*, 2008). Segundo o autor:

O princípio autogestionário desvela a possibilidade de se introduzir modificações estruturais nos sistemas de gestão empresarial, estimulando-se a descentralização de poder e o senso de responsabilidade compartilhada, aumentando-se as chances de lucratividade e bom posicionamento no mercado, remunerando-se a mão-de-obra acima da média do mercado, valorizando-se a capacitação contínua dos trabalhadores e, finalmente, expandindo-se os espaços de inclusão social e exercício da cidadania (SAMPAIO *et al*, 2008, p.85).

Camilotti (2001) sugere o associativismo como uma possibilidade disponível aos empreendedores para obterem informação para seus empreendimentos, na busca de competitividade e alcance dos objetivos de lucro, e para o desenvolvimento da consciência coletiva, necessária para o fortalecimento do setor produtivo. Ressalta a autora que a constituição de empresas de micro e pequenos portes, dada sua importância na economia ao prover a geração de renda e emprego já tão bem conhecida (CAMILOTTI, 2001; SAMPAIO *et al*, 2008), e sua relação com a prática do associativismo entre empresas do mesmo setor retrata a importância que empresários de micro e pequenas empresas (MPEs) dão às alianças e associações para o alcance dos seus interesses organizacionais (CAMILOTTI, 2001). Na visão dos empresários, o associativismo agrega a força necessária para o desenvolvimento do processo produtivo, as compras, as trocas de conhecimento e recursos, a ajuda mútua para solução de problemas, o esforço coletivo de promoção e a venda dos produtos bem como as reivindicações para o setor (CAMILOTTI, 2001).

Segundo a autora, a prática do associativismo facilita a sobrevivência das empresas de pequeno porte por meio da criação de uma rede de relacionamentos que promovem informações, complementariedade de suporte em questões relacionadas ao potencial de mercado, distribuição de produtos, assistência técnica e pós-venda (CAMILOTTI, 2001). Corroboram Sampaio *et al* (2008) ao afirmar que arranjos de base comunitária agregam valor aos pequenos negócios ao mesmo tempo em que aumenta as possibilidades de sobrevivência socioempresarial diante de uma economia de mercado. É possível observar como o empreendedorismo e a associação integram as condições necessárias para o fortalecimento da competitividade e adoção de práticas estratégicas para a continuidade dos negócios.

Moura (2008) ressalta a importância da contribuição das novas formações de estruturas produtivas com foco nas micro e pequenas empresas as quais promovem



o desenvolvimento regional e atenua as desigualdades sociais. A articulação entre as empresas por meio da criação de uma rede de relacionamento favorece o desenvolvimento sustentado e cria vantagens competitivas em um mercado dinâmico em que os fornecedores e concorrentes também atuam como parceiros de negócios.

Vários autores abordam a capacidade de inovação das empresas em rede para o crescimento da capacidade produtiva e competitiva dentro do setor. Aquisição de conhecimento, capacidade de reagir aos efeitos da globalização sobre a atuação do mercado, fazendo uso das habilidades e competências locais bem como dos elementos socioculturais, ambientais e históricos que permeiam o ambiente em que se desenvolve a rede de relações estratégicas (MOURA, 2008; CASSIOLATO; LASTRES, 2003; MARINI; SILVA, 2012). A formação do APL é classificada como estratégia para que as micro e pequenas empresas possam atuar fortalecidas em uma sólida estrutura de relações onde a troca de recursos ou o compartilhamento deles constroem o alicerce no embate frente às ameaças do ambiente dominado por quem possui maior controle dos meios produtivos e concentra-se na liderança de poucas e grandes empresas (MOURA, 2008).

Conforme Moura (2008), os desafios enfrentados pelas micro e pequenas empresas como, por exemplo, o excesso de burocracia, alta carga tributária e as dificuldades de acesso ao crédito podem ser superados pelas características e condições favoráveis que a formação de um APL apresenta. A autora compreende o APL como um modelo econômico alternativo para as empresas de pequeno porte em ambiente altamente dinâmico assim como nasce um agente propulsor de desenvolvimento regional local.

Para Marini e Silva (2012), as discussões acerca do desenvolvimento regional envolve o processo de desenvolvimento econômico das pessoas em um determinado espaço territorial e ressalta a importância dos agentes ou atores locais e a valorização dos ativos territoriais. Conforme Lemos, Santos e Crocco (2005, p.175), “as formas de ação coletiva são territorializadas, pois não ocorrem no espaço abstrato, mas em lugares reais do espaço socialmente construído”. Fuini (2012, p.94) resume:

o desenvolvimento territorial expressa de forma mais ampla essas iniciativas oriundas de contextos locais/regionais ancoradas em recursos específicos e que buscam alavancar as vantagens competitivas locais aliadas à promoção de mudanças estruturais que conduzam ao bem-estar social da comunidade local.

Nas literaturas encontradas sobre o desenvolvimento social e econômico de uma região pode-se contar com os APLs. Moura (2008) resume que os primeiros estudos sobre a organização industrial realizada pelo economista inglês Alfred Marshall contribuiu com seus estudos sobre os distritos industriais nos quais as empresas aglomeradas geograficamente próximas se fortaleciam em competitividade por meio da busca coletiva pela inovação, apoiada nos serviços com alto grau de especialização, forte divisão do trabalho, mão-de-obra qualificada, insumos acessíveis por meio dos fornecedores locais e bens intermediários. Marini e Silva (2012) entendem que os APLs são uma das possibilidades para o desenvolvimento regional.



Souza e Arica (2006) ressaltam como a dinâmica competitiva de arranjos pode contribuir para fomentar não só políticas públicas mas também iniciativas de apoio tecnológico para a competitividade. Para os autores, a infraestrutura e as características do ambiente regional/local são recursos determinantes para o desenvolvimento econômico e contribuem para acelerar o processo de mudança e inovação. Os autores conceituam “trajetória competitiva” como a capacidade das empresas em adotar padrões técnicos, procedimentos e rotinas operacionais sob a influência da tradição e da cultura local e das demandas específicas de mercado. Essa abordagem procura analisar o comportamento do APL frente às mudanças econômicas, sociais, mercadológicas e tecnológicas.

Fuini (2012) traz uma abordagem que, embora não venha a ser desenvolvida neste trabalho, contempla um dos elementos presentes na APLs que é a dinâmica da governança territorial, definida pelo autor como um processo institucional e organizacional de construção de mecanismos de coordenação e controle na atuação dos atores sociais, em um espaço territorial, de forma parcial e provisória. A governança sugere práticas legítimas de articulação entre agentes públicos e privados para o desenvolvimento de políticas públicas voltadas para o desenvolvimento social e econômico, quebrando o modelo de gestão verticalizado da ação pública. “A governança territorial interfere na competitividade das regiões ao definir formas de distribuição de poder em cadeias produtivas” (FUINI, 2012, p. 97). Ainda segundo o autor, em estratégias competitivas, cujo foco é o desenvolvimento, os agentes econômicos são movidos pelos ativos territoriais ou, nos termos do autor, pelas vantagens locacionais.

3 Metodologia

A pesquisa desenvolvida teve como objetivo avaliar a atual realidade do sistema produtivo desenvolvido no Polo Cerâmico do Poty Velho, sob a percepção das artesãs da COOPERART – POTI, após a intervenção dos atores sociais, avaliando se foi dada continuidade às mudanças realizadas e observar o comportamento empreendedor presente no arranjo produtivo.

Para a realização da pesquisa foi adotado o estudo de caso como delineamento de pesquisa mais adequado pois viabilizou o objetivo de investigar um fenômeno delimitado e de forma profunda. De acordo com Triviños (1987, p.133), o estudo de caso “é uma categoria de pesquisa cujo objeto é uma unidade que analisa aprofundadamente”. Collins e Hussey (2005) abordam as características do estudo de caso como sendo um método em que é possível examinar um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto, agregar as ênfases quantitativas e qualitativas da pesquisa e utilizar o modo exploratório, descritivo ou explanatório e também analítico de pesquisa.

Gil (2009) apresenta como características de um estudo de caso o caráter unitário do fenômeno pesquisado, sendo possível ser, entre outros, uma comunidade e uma instituição social ou mesmo toda uma cultura; um fenômeno contemporâneo cuja ocorrência se dá no momento em que se realiza a pesquisa; o contexto em que o fenômeno acontece; maior nível de profundidade por meio do uso de entrevistas pouco estruturadas; uso de múltiplos instrumentos de coleta de dados para garantir



confiabilidade das respostas obtidas pelos sujeitos de pesquisa. Todas essas características foram fundamentais para o desenvolvimento do estudo que tem como campo de pesquisa o Polo Cerâmico do Poty Velho e seus membros participantes e onde foi levado em consideração seu contexto.

Para a coleta dos dados, foram escolhidos dois instrumentos, a saber: a entrevista semiestruturada e a análise bibliográfica. A entrevista semiestruturada, definida como aquela que o pesquisador conduz a entrevista de forma adequada ao seu interesse de pesquisa, não seguindo um roteiro rígido (MARCONI; LAKATOS, 2008, p.80) e que está em um formato mais geral (MARTINS; MELLO; TURRIONI, 2014, p. 190), foi composta de perguntas abertas e aplicada à Presidente da COOPERART – POTI e aos seus membros. As questões direcionadas à Presidente tiveram como objetivo realizar um levantamento do contexto histórico da associação e da comunidade local bem como do processo de construção do arranjo produtivo local por meio da parceria com os atores locais. Também foram aplicadas entrevistas semiestruturadas às artesãs com o objetivo de investigar suas percepções com relação ao sistema produtivo desenvolvido no arranjo, à sua interação com os atores locais, à comercialização dos produtos, à cultura do artesanato local e à sua atitude empreendedora.

O grupo de artesãs do COOPERART - POTI, formado por 39 mulheres, foi escolhido como público alvo de investigação. As famílias dessas mulheres estão integradas a Associação do Polo Cerâmico do Poti Velho, iniciativa a qual fomentou o arranjo produtivo local, contemplando a região (bairro do Poti Velho), seus membros e uma identidade cultural. Após a formação da Associação outras lideranças surgiram na comunidade desenvolvendo trabalhos com barro. Após um curso de produção de bijuteria em cerâmica realizado pelo SEBRAE-PI, as mulheres da comunidade se organizaram para formar sua própria associação com foco na linha de produtos cuja necessidade de mercado ainda não era atendida pelos lojistas de ceramistas (COOPERATIVA, 2015). A escolha do grupo de mulheres foi feita com base na possibilidade de acesso à Cooperativa e devido à sua forma organizacional constituída, a qual pode ser classificada como um microempreendimento articulado que prioriza as ações coletivas por meio de relações de troca, também mencionado no artigo como arranjo produtivo.

Por ser uma população relativamente pequena em quantidade, estimou-se a possibilidade de abranger todas as mulheres na investigação, no entanto, durante a realização das entrevistas, observou-se a repetição das informações coletadas, o que levou a uma saturação e, por decisão dos pesquisadores, a pesquisa foi encerrada. Portanto, foi possível alcançar o total de 15 entrevistadas.

A pesquisa bibliográfica também foi utilizada com o objetivo de buscar informações complementares por meio de estudos ou registros já realizados por outros pesquisadores a respeito do Polo. Esse tipo de pesquisa abrange todo material publicado em jornais, revistas, artigos, monografias, entre outros (MARCONI; LAKATOS, 2008, p. 57). As referências localizadas para a pesquisa foram trabalhos acadêmicos como artigos científicos publicados e dissertação de mestrado, além de reportagens realizadas por programas televisivos especializados e site institucional da Cooperativa.



O plano de interpretação e análise dos dados provenientes das entrevistas, das respostas das questões abertas do questionário e os conteúdos do material bibliográfico teve como método a análise de conteúdo que “mede o conteúdo semântico ou o aspecto o quê da mensagem” (COOPER; SCHINDLER, 2003, p. 346).

4 Apresentação e análise dos resultados

4.1 Breve histórico

A Associação dos Ceramistas do Poti (ACEPOTI), criada em 1998, está localizada na zona norte da cidade de Teresina no bairro do Poty Velho. Esse bairro é considerado o primeiro da cidade e está próximo ao Parque Ambiental Encontro dos Rios em que dois rios cortam Teresina, o rio Poty e o rio Parnaíba. Devido à localização, a área é considerada atualmente ponto turístico em razão do fenômeno do encontro dos rios e onde é possível aos visitantes terem acesso aos trabalhos dos artesãos locais.

Segundo Lopes, Costa e Araújo (2012), instalou-se o primeiro torno manual para a produção artesanal de peças de cerâmica como potes, jarros e filtros pelo antigo morador Raimundo Camburão o qual foi responsável por disseminar o conhecimento das técnicas de produção das peças de cerâmica para algo em torno de trinta pessoas no bairro do Poti Velho. Com a maior produtividade, decorrente da adesão da formação de mais artesãos na região, a produção não só era comercializada no bairro mas passou a estabelecer o centro da cidade de Teresina como alvo de escoamento dos produtos e divulgação da arte trabalhada. Ainda segundo os autores, houve um incremento na diversificação das peças produzidas em vista da necessidade de atender às diferentes demandas que surgiam, despertando assim a criatividade. Esse contexto foi determinante para que os membros da comunidade do Poti Velho se unissem com o propósito de aprimorar o uso da argila, principal matéria-prima, e de definir as representações culturais que estariam presentes nos artefatos produzidos. Com esta iniciativa, surgiu a Associação dos Artesãos em Cerâmica do Poti Velho e a Cooperativa de Mulheres Artesãs do Poti Velho, sendo esta última foco de nosso estudo neste artigo.

Em entrevista à presidente da COOPERART - POTI, a Associação e a Cooperativa interagiram com agentes públicos e privados como o Governo do Estado do Piauí, a Prefeitura de Teresina, Banco do Brasil, Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), entre outros. Essa interação, compreendida neste trabalho como redes, contribuiu para a fundação do Polo Cerâmico do Poty Velho em 2006, dessa forma, fortalecendo o processo produtivo e a identidade da cultura local.

A parceria estabelecida com o SEBRAE-PI junto ao Polo contribuiu para a qualificação dos artesãos quanto às técnicas de produção e ao funcionamento da organização associativa por meio de programas de capacitação os quais permitiram desenvolver práticas empreendedoras inovadoras e sustentáveis (CERÂMICA, 2014; CERÂMICAS, 2013; informação obtida por meio de entrevista).

Apesar da tradição do trabalho com a argila ter sido iniciado na década de 60, foi nos últimos 15 anos que a atividade se desenvolveu com mais profissionalismo



gerando renda para os moradores locais, beneficiando mais de 300 famílias da região (CERÂMICA, 2014; CERÂMICAS, 2013; informação obtida por meio de entrevista). Segundo a gestora do projeto de artesanato do SEBRAE-PI (informação obtida por meio de dados bibliográficos):

o objetivo era que eles formassem um grupo estruturado com personalidade política. Por isso, trabalhamos muito o associativismo. Uma associação pode representar um número significativo de pessoas que atuam em um determinado segmento e reivindicar apoios (CERÂMICA, 2014, p.1).

As capacitações promoveram o conhecimento sobre a organização política e administrativa dos artesãos bem como a qualificação dos métodos produtivos (CERÂMICA, 2014). Posteriormente, questões relativas ao *design* das peças foram trabalhadas, o que valorizou a arte, a qualidade com foco na comercialização e a imagem dos antigos moradores da região, permitindo a consolidação do retrato histórico dos pescadores e lavadeiras (CERÂMICA, 2014).

Atualmente, a produção artesanal é realizada pelas famílias da comunidade do Poti Velho que realizam o processo de extração da argila, produção e comercialização dos produtos, sendo os principais artefatos as coleções próprias de vasos, esculturas, bijuterias, filtros entre outras peças para jardinagem e artigos de decoração, todos caracterizados pela história e identidade da comunidade local (LOPES; COSTA; ARAÚJO, 2012; informação obtida por meio de entrevista).

Em entrevista à presidente da COOPERART - POTI, a capacitação para design foi voltada para garantir não só a qualidade do produto mas para permitir um acabamento sofisticado e mais atraente das peças produzidas, em especial as bijuterias e os artigos de decoração. No entanto, durante o processo de aprendizagem, as artesãs quiseram representar as mulheres e a sua história contada nas produções o que esteticamente diferenciava-se das propostas dos facilitadores de aprendizagem. Segundo Cassiolato e Szapiro (2003), uma das questões fundamentais para compreender a lógica de funcionamento das relações entre empresas e instituições está no destino da produção. No caso do Polo Cerâmico do Poty Velho, a destinação está voltada para atender o mercado regional e nacional, demonstrando a necessidade de manter a originalidade local nos produtos.

Ainda segundo os autores, outra questão que envolve o grau de territorialização das atividades produtivas e inovativas é “até que ponto estão enraizadas localmente as capacitações necessárias ao estabelecimento das atividades inovativas” (CASSIOLATO; SZAPIRO, 2003, p. 7). O que se observa é que o agente responsável pela capacitação em design não tinha absorvido a essência dos valores e costumes da região do Poti Velho bem como do contexto histórico que marcou o início das práticas produtivas e a formação da identidade cultural local. No entanto, o consenso entre os atores prevaleceu ao chegar a uma melhor decisão sobre o que atenderia ao público alvo do Polo. Observa-se, neste contexto, a presença da governança territorial a qual promove uma melhor articulação entre os atores do APL assim como, conforme Fuini (2012) aborda, converge para a definição de estratégias competitivas.

4.2 Perfil das artesãs membros da Cooperativa de Mulheres Artesãs do Poti Velho



A Cooperativa de Mulheres Artesãs do Poti Velho, criada em 2004 por meio da parceria entre o Banco do Brasil e o SEBRAE-PI, abrange atualmente 39 artesãs que dependem diretamente da produção e comercialização de seus artefatos para o sustento das suas famílias.

Antes da intervenção dos atores sociais e criação da cooperativa, as mulheres da comunidade realizavam atividades pesqueiras ou domésticas, sendo a maioria delas donas de casa, que não tinham nenhuma renda ou ajudavam o marido ou pai na pesca, e aquelas que trabalhavam tinham a ocupação de carregar os tijolos das olarias locais (informação obtida por meio de entrevista).

Após a intervenção dos atores sociais, a criação da Cooperativa favoreceu a atividade empreendedora das famílias com a melhoria na estrutura física no Polo Cerâmico e agregou novos parceiros públicos e privados como a Fundação Wall Ferraz e o Senai os quais proporcionaram formação profissional às artesãs por meio de cursos de capacitação em técnicas produção e vendas. Com os incentivos dos novos atores sociais, houve um aumento na adesão de mulheres à Cooperativa fortalecendo, dessa forma, a capacidade produtiva e os laços na comunidade.

4.3 Análise dos resultados

A construção do Polo Cerâmico do Poty Velho contou com a parceria da Prefeitura da Cidade de Teresina e do Governo do Estado. Esses parceiros atuaram facilitando a obtenção dos recursos necessários para a construção dos estabelecimentos comerciais e cessão dos terrenos para a fixação do polo no bairro do Poti Velho. Segundo entrevista com a presidente da COOPERART - POTI, os moradores foram mobilizados para edificar as lojas de cada família artesã e a loja central, onde se concentra os produtos provenientes dos trabalhos das artesãs da Cooperativa para exposição e vendas.

A participação dos principais beneficiários na construção do Polo fortaleceu o elo cultural já existente e tornou possível o envolvimento da comunidade no projeto de forma coletiva. O capital social, enquanto laços formados por meio de relações cooperativas e de ajuda mútua, esteve presente antes, durante e após todo o processo de formação do polo.

A presidente da COOPERART - POTI revelou em seu depoimento como se deu a intervenção dos atores sociais por meio dos cursos de capacitação empreendedora:

A gente sabe assim... que teve uma mudança muito grande tanto no espaço físico mais como também na questão da produção. A gente começou com o pote, depois com o jarro e o filtro e algumas peças decorativas, mas depois dessa organização [da formação da cooperativa], assim.. do grupo [de mulheres]... começou a *vim* as parcerias também... que foi muito importante. O SEBRAE, como a gente fala, foi o primeiro parceiro, mas também vieram os demais, como Prefeitura, Governo do Estado, Banco do Brasil, Fundação Banco do Brasil, Senai, enfim, vieram várias instituições que vieram se juntar aqui ao grupo do Polo Cerâmico, tanto a ACEPOTI como a COOPERART, entendeu? E investiu em um treinamento e através desse treinamento a gente conseguiu melhorar bastante a qualidade do produto. (informação obtida por meio de entrevista).



Observa-se com o depoimento apresentado que a diversificação de produção e o foco na qualidade, enquanto ingredientes fundamentais para a melhor abordagem ao cliente, estão presentes na linguagem da presidente. “As estratégias de diversificação de produtos, redução de desperdícios e controle do processo, são fatores determinantes para o posicionamento competitivo das empresas no arranjo” (SOUZA; ARICA, 2006, p. 94). Isso demonstra uma ideia mais ampla da atuação evolutiva do Polo uma vez que antes da intervenção dos agentes governamentais e privados, os artesãos do bairro Poti Velho produziam basicamente potes, jarros e filtros que são peças grandes e de baixo valor comercial. Essas peças, típicas de uso da comunidade local e vizinhas, não requeriam acabamento mais sofisticado e estratégias de vendas uma vez que o seu consumo é cultural, sendo produzido até os dias atuais.

Em razão das mudanças estruturais, foi possível observar, com a pesquisa realizada, que os artesãos se enquadram na perspectiva empreendedora de longo prazo e valorizam a obtenção de conhecimento para a condução dos negócios familiares. Portanto, observou-se que houve uma mudança na percepção dos artesãos em relação à produção das peças artesanais e da área gerencial de suas lojas, englobando em especial as estratégias de venda, os valores agregados aos produtos e a forma de atender os clientes.

Com a criação do Polo Cerâmico, vários cursos foram ministrados para capacitar as artesãs em seus conhecimentos sobre questões administrativas dos negócios e estéticas das peças produzidas. O impacto gerado com a intervenção dos atores sociais permitiu às artesãs desenvolver uma visão mais ampla dos seus trabalhos e a capacidade de analisar o que os clientes desejavam. A dimensão cognitiva dos atores expressa a capacidade de promover a mudança e o desenvolvimento local de forma coletiva. Complementa-se a isso, segundo Albagli e Maciel (2004), as diferentes combinações de características e bens coletivos de cada local ou região que influenciam na capacidade de produzir conhecimento, de aprender e de inovar.

Observou-se que as artesãs tornaram-se mais preparadas para confeccionar peças mais sofisticadas e ricas em detalhes e passaram a praticar a capacidade de decisão sobre o que produzir. Dessa forma, diminuíram a produção das peças grandes e com pouco valor comercial (como os potes, filtros e jarros) e incrementaram a produção dos artefatos mais elaborados e mais customizados, como artigos de decorações e bijuterias, os quais possuem maior valor agregado, pois exige mais habilidade e tempo da artesã na sua confecção. Segundo uma das artesãs, as peças menores têm uma comercialização melhor pois muitas pessoas compram para presentear ou como *souvenir* do local visitado durante a viagem. Conforme um dos depoimentos fornecido na entrevista:

[...] depois nós criamos essas luminárias... os modelos... pra chamar mais a atenção e aumentar também as peças que a gente faz. Têm aqueles *abajur* ali que a gente criou, que ela é inteira. A gente primeiro começou cortando no meio e dividindo em duas, aí a gente pensou também no *abajur*. (informação obtida por meio de entrevista).



Segundo Keller (2011), a economia artesanal tem passado por algumas mudanças. O autor destaca que a produção do artesanato está se voltando gradualmente para novos mercados e que algumas políticas de fomento ressaltam o caráter de negócio dessa atividade e a importância da profissionalização do artesão para torná-lo um pequeno empresário. Ao relacionar o depoimento anterior com a abordagem de Keller (2011) é possível observar o desenvolvimento da capacidade criativa da artesã ao enxergar oportunidade na criação de produtos, que antes da formação da Cooperativa não se pensava, ou seja, a formação profissional proporcionada pela integração com os atores sociais mostra uma ampliação da competência da empreendedora local além de alcançar público mais específico para os novos produtos criados. Sobre isso, aborda-se:

O entendimento da dinâmica competitiva em Arranjos Produtivos Locais (APSLs) é fundamental para o estabelecimento de estratégias competitivas precisas, a superação de barreiras comerciais, a preservação de condições socioambientais satisfatórias e o direcionamento de novos investimentos (SOUZA; ARICA, 2006, p. 89)

Segundo Souza e Arica (2006), iniciativas de apoio governamental à competitividade não sempre contribuem para que aglomerações locais superem suas barreiras organizacionais e tecnológicas. No caso do Poty Velho, foi possível observar o apoio dos agentes públicos por meio das redes de relações construídas, definidas por Huggins e Thompson (2015) como *network capital*, e que foram determinantes para o bom desempenho do arranjo.

Logo, a consolidação da rede de relacionamentos desenvolvida no Polo Cerâmico do Poty Velho também favoreceu a dinâmica competitiva. Huggins e Thompson (2015) argumentam que o desempenho de empresas empreendedoras e sua repercussão no desempenho da inovação e do crescimento da região em que estão inseridas tem relação direta com as articulações sociais (ou de relacionamento) proporcionadas pela interação entre os atores.

Os cursos de capacitação oferecidos por meio da parceria com os atores sociais levaram a COOPERART - POTI a ganhar vários prêmios. Segundo Lopes, Costa e Araújo (2012), a preservação dos significados da identidade cultural local levou a Cooperativa a ganhar dois prêmios Top 100 organizados pelo SEBRAE Nacional, obtendo por dois anos, 2007 e 2009, o selo de qualidade e um certificado do organizador. A Cooperativa ganhou também o prêmio Casa Piauí Design em 2007, e em 2012, foi escolhida pela Associação Brasileira de Exportação para expor suas peças em Nova Iorque – EUA (informação obtida por meio de entrevista).

Apesar das mudanças realizadas na produção, as artesãs não deixaram sua identidade cultural de lado. Os prêmios ganhos foram resultado da apresentação de uma coleção intitulada Mulheres do Poti, composta por cinco bonecas que representam as mulheres da população local. A experiência vivenciada por meio das redes de relações construídas no arranjo proporcionou a inovação das peças e, conseqüentemente, alcance dos objetivos coletivos. Conforme Marini e Silva (2012, p.121), “a cooperação, a confiança e a reciprocidade são importantes elementos das dinâmicas sociais, contribuindo para a geração de círculos virtuosos de acumulação de capital social”. As artesãs revelam-se interligadas por meio do conhecimento



compartilhado, da identidade presente nos artefatos e também na linguagem sobre a sua atuação coletiva, resultando em ganhos coletivos.

No caso da COOPERART - POTI, observou-se que as mudanças nas decisões de produção não fizeram com que as artesãs do Polo Cerâmico não deixassem de reivindicar seus costumes e valores perpetuados ao longo dos anos nas peças produzidas como as suas formas de viver, os símbolos e os significados. Foi possível compreender, com a pesquisa, que a percepção das artesãs sobre suas atividades despertaram o potencial e a importância de promover a divulgação da cultura local por meio de suas peças. Conforme depoimento:

Um grande comprador é o nosso povo de Teresina, do Estado, mas também de outros estados *aparece* bastante. Quase todo dia a gente percebe a visita de pessoas de outros estados aqui. [...] E até de outros países também, entendeu? A gente recebe visita aqui muito. Também a gente percebe aqui muita visita de pessoas da Itália, da Espanha. São os dois países que a gente vê que mais visita aqui o Polo Cerâmico (informação obtida por meio de entrevista).

Outra mudança que ocorreu foi a do tempo de produção. Com o desenvolvimento das habilidades manuais e inovação dos tipos de produtos produzidos, foi possível aumentar a produtividade das artesãs por meio do ritmo do processo de modelagem das peças, embora o tempo para secagem do barro permanece o mesmo, pois depende do tempo quente e seco, natural da região. As externalidades do território também integram a combinação de recursos presentes no aglomerado, como as condições climáticas, no caso do bairro onde funciona o Polo. A territorialização “está ligada à dependência da atividade econômica em relação a recursos territorialmente específicos” (CASSIOLATO; SZAPIRO, 2003, p.5). Fuini (2012, p.97) ressalta que na perspectiva do desenvolvimento e dinâmica socioprodutiva, “os territórios podem ser vistos tanto como recursos quanto como atores locais situados em contextos específicos de relações de poder e de governança envolvendo empresas e atores coletivos”.

Com a pesquisa, foi possível também perceber uma evolução na parte gerencial relacionada ao Polo. Com base nas entrevistas realizadas, as artesãs continuam tendo até hoje a intervenção dos atores governamentais e locais, sendo ainda ofertados cursos especializados como, por exemplo, regras para definição de preços, cálculo de custos de produção, avaliação do valor agregado do trabalho artesanal, atendimento a cliente entre outros. É natural que as relações permaneçam entre os atores até o ponto que o arranjo tenha construído os alicerces para a autogestão. Segundo Cassiolato e Szapiro (2003, p.6), “as possíveis articulações entre os agentes locais inexoravelmente se relacionam a (e dependem de) outras articulações com agentes localizados fora do território”. Corroborando, Marina e Silva (2012, p.120) abordam que “práticas cooperativas não ocorrem automaticamente, pois dependem principalmente das relações sociais e institucionais destes agentes”. Conforme depoimento:

[...] isso, sempre tem, pelo SEBRAE, vem os cursos pra gente tá participando, como agora por último, teve um curso de atendimento ao cliente, porque aqui são várias pessoas, né? Aqui na Cooperativa, cada dia, tem uma [artesã] que tira o plantão, então teve esse curso pra gente se capacitar pro atendimento ao cliente, saber mais como atender (informação obtida por meio de entrevista).



Essa constante oferta de treinamento proporciona uma melhoria tanto no atendimento dos clientes, que podem ser pessoas da própria cidade, de outros estados e até de outros países, quanto na melhoria da qualidade dos produtos. Além disso, possibilita uma expansão do conhecimento das artesãs em relação à percepção de inovação, criação de novas peças e empreendedorismo. Segundo Costa (2011, p.13):

algumas proposições de políticas públicas, visando superar os principais pontos de estrangulamento e ter efeitos estruturantes sobre o tecido produtivo local, passam, necessariamente, pela promoção dos processos de geração, aquisição e difusão do conhecimento e fortalecimento das estruturas institucionais, haja vista a força do desenvolvimento contemporâneo depender desses fatores de territorialização.

A prática do desenvolvimento do arranjo produtivo não se limita a uma intervenção inicial mas à adesão de sua permanência e constante apoio à comunidade local. A COOPERART - POTI e a Associação foram constituídas sob a égide dos agentes públicos e privados que até os dias atuais realizam suas atividades em contribuição à rede de relações que foi construída, sendo determinante no sucesso coletivo.

Ao final das entrevistas, as artesãs relataram que, apesar das grandes mudanças ocorridas, alguns pontos ainda precisam ser melhorados como uma maior divulgação por parte de instituições maiores, a por exemplo da Prefeitura e do SEBRAE-PI. Apesar de a COOPERART - POTI contar com o apoio dessas empresas na locomoção das artesãs e no transporte das peças para feiras de artesanato, local ou regional, há ainda a necessidade de um alcance maior na disseminação do trabalho das artesãs, o que iria contribuir para o incremento nas vendas. Segundo entrevistas, ainda é possível se deparar com moradores de Teresina que desconhecem a existência do Polo. Como complemento, uma das entrevistadas ressaltou a importância de se construir uma área de lazer e alimentação no local, gerando um atrativo para os visitantes, o que resultaria em uma melhor qualidade de recepção às pessoas que se interessam pelos produtos do Polo Cerâmico.

5 Considerações finais

O objetivo deste artigo era apresentar um estudo sobre a continuidade do Polo Cerâmico frente às mudanças sugeridas e promovidas pelos atores sociais, e a percepção dos artesãos com relação à sua atividade, sendo o comportamento empreendedor também observado.

Este estudo mostrou a importância das intervenções públicas de poder para a consolidação de uma cultura empreendedora em uma comunidade local. Apesar de algumas famílias do Poty Velho já terem a habilidade com o uso da argila, não havia uma articulação coletiva para tornar a vocação de poucos, disseminadas posteriormente para a comunidade, em recurso para o desenvolvimento social e econômico de uma região. Isso permitiu observar que novos arranjos produtivos podem ser construídos tomando como base uma identidade cultural, determinante para a manutenção do empreendimento e do desenvolvimento social local, sendo os atores sociais necessários para a disseminação e influência desta cultura sobre uma região.



Com isso, foi possível também analisar que após a intervenção política dos atores, os membros da COOPERART – POTI conseguiram dar continuidade às mudanças no sistema produtivo ao aprender a distribuir tarefas, controlar as receitas coletivamente, compartilhar práticas de gestão e outros conhecimentos responsáveis por manter coesos os valores e crenças da comunidade. Isso foi fruto dos programas de qualificação e treinamentos promovidos no Polo. Sobre essa análise, o capital social surgiu no ambiente formando uma rede de relações voltadas para a cooperação e ajuda mútua, ao mesmo tempo, mobilizando e integrando mais moradores da região à Cooperativa e possibilitando mais ações políticas com a presença dos atores.

As mudanças promovidas pela intervenção dos agentes públicos e privados por meio da criação do Polo Cerâmico estiveram voltadas para a formalização das entidades cooperativas, adaptação dos processos de fabricação, adoção de novas estratégias de comercialização, a diversificação dos produtos artesanais e aperfeiçoamento das técnicas de modelagem do barro com foco no acabamento sofisticado das peças.

Observou-se que o impacto das transformações permitiu o fortalecimento da identidade cultural não só encontrada de forma intangível como nas vocações tradicionais (aquelas conhecidas como conhecimento passado de pai para filho) e que foram aperfeiçoadas para garantir um novo público-alvo mas também na sua forma tangível como na consolidação dos valores e costumes da comunidade local representados nas peças produzidas pelas artesãs.

O APL estudado apresenta características de arranjos do tipo não-intensivos em tecnologia, típicos de microrregiões periféricas do Brasil (SOUZA; ARICA, 2006). Logo, as mudanças tecnológicas observadas ficaram restritas aos novos aprendizados operacionais como técnicas de acabamento das peças produzidas e sua diversificação. Essas mudanças desempenharam impacto na competitividade da cooperativa ao ampliar novos mercados, melhorar a qualidade das peças, entre outros benefícios relacionados à gestão. “A tecnologia possui valor econômico protegido por quem o detêm, por ser uma aplicação sistemática dos conhecimentos empregados na comercialização de bens e serviços e em tarefas de ordem prática” (PRYSTHON; SCHMIDT; SILVEIRA, 2006, p. 417).

O estudo mostra que ao longo dos anos houve uma evolução na qualidade de vida da comunidade local. Os atores estiveram presentes ao longo dos últimos nove anos auxiliando o Polo, seja na melhoria física dos estabelecimentos ou na capacitação dos trabalhadores, mas sem comprometer a autonomia das artesãs e, principalmente, ajudando-as na importância da autogestão. A visibilidade do Polo gera maior assistência dada, em especial, pelos agentes públicos devido o compromisso imposto pela necessidade de manter a cultura da região, a qualidade de vida da comunidade local e o crescimento econômico e desenvolvimento social. Conforme Costa (2011, p.13):

as políticas que incentivem a aglomeração de empresas, respeitando as influências do território sobre as atividades econômicas, assim como a implementação de políticas que visem a identificar e potencializar sinergias locais são extremamente válidas para promover o desenvolvimento regional.



Apesar das inovações retratadas no sistema produtivo do Polo, ainda existem muitos aspectos do seu funcionamento que precisam ser melhorados, tanto estruturais quanto na capacitação. O estudo de caso do Polo Cerâmico do Poty Velho é um exemplo de iniciativa de como o estado e organizações da sociedade podem contribuir para a melhoria da qualidade de vida das pessoas por meio de políticas estruturantes, fomentar o desenvolvimento local e permitir sustentabilidade para diversas famílias envolvidas.

6 Referências

ALBAGLI, Sarita; MACIEL, Maria Lucia. Informação e conhecimento na inovação e no desenvolvimento local. **Ciência da Informação** [on line]. 2004, v.33, n.3, p. 9-16. ISSN 1518-8353.

ALMEIDA, Bartolomeu. Pólo Cerâmico do Poty Velho: você precisa conhecer. **Pólo Cerâmico do Poty Velho**. Disponível em: <http://www.cabecadecuia.com/noticias/20125/polo-ceramico-do-poty-velho-voce-precisa-conhecer.html>. Acesso em 14 mar. 2008.

CAMILOTTI, Luciane. **Procedimentos de integração para o desenvolvimento local a partir dos princípios do empreendedorismo**. 2001.90f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

CASSIOLATO, J. E.; SZAPIRO, M. Uma caracterização de arranjos produtivos locais de micro e pequenas empresas. In: LASTRES, H. M.M; CASSIOLATO, J. E.; MACIEL, M.L. (organizadores). **Pequena empresa: cooperação e desenvolvimento local**. Rio de Janeiro: Relume Dumará Editora, 2003. (capítulo 2).

CERÂMICA de Poti Velho é fortalecida após qualificação de artesãos locais. **Rede Globo: Ação**. Rio de Janeiro, maio, 2014. Disponível em: <<http://redeglobo.globo.com/acao/noticia/2013/11/ceramica-de-poti-velho-e-fortalecida-apos-qualificacao-de-artesaos-locais.html>>. Acesso em: 20 mai. 2015.

CERÂMICAS do Poti Velho atribuem identidade ao artesanato de Teresina. **G1 Piauí**. Teresina-PI, agosto, 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pi/piaui/noticia/2013/08/ceramicas-do-poti-velho-atribuem-identidade-ao-artesanato-de-teresina.html>>. Acesso em: 20 mai. 2015.

COLLINS, J.; HUSSEY,R. **Pesquisa em administração: um guia prático para alunos de graduação e pós-graduação**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

COOPER; D. R.; SCHINDLER, P. S. **Métodos de pesquisa em administração**. 7ª edição. Porto Alegre: Bookman, 2003.

COOPERATIVA de Artesanato do Poti Velho: nossa história. **Site institucional da Cooperarty**: Cooperativa de Artesanato do Poty Velho. Teresina-PI. [2015]. Disponível em: <<http://cooperart-poty.blogspot.com.br/p/nossa-historia.html>>. Acesso em: 15 mai 2015.



COSTA, Odorico de Moraes Eloy da. **Arranjos produtivos locais: APL's como estratégia de desenvolvimento: uma Abordagem Teórica**. Fortaleza: Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará, 2011.

DALLA VECHIA, R. Arranjos produtivos locais como estratégia de desenvolvimento local e regional. **Revista Capital Científico**, Guarapuruva – PR, v.4, n.1, p. 32-50, jan./dez. 2006.

DORNELAS, José C. A. **Empreendedorismo: transformando ideias em negócios**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

FUINI, L. L. Compreendendo a governança territorial e suas possibilidades: arranjos produtivos locais (APL) e circuitos turísticos. **Interações**, v. 13, n. 1, p. 93-104, jan/jun, 2012.

GIL, A. C. **Estudo de caso: fundamentação científica, subsídios para coleta e análise dos dados, como redigir o relatório**. São Paulo: Editora Atlas, 2009.

HUGGINS, R.; THOMPSON, P. Entrepreneurship, innovation and regional growth: a network theory. **Small Business Economy**, v. 45, p. 103-128, 2015.

KELLER, P. F. Trabalho artesanal e cooperado: realidades, mudança e desafios. **Sociedade e Cultura**, v.14, n.1, p.29-40, 2011.

LEMOS, C. **Notas preliminares do projeto arranjos locais e capacidade inovativa em contexto crescentemente globalizado**. Rio de Janeiro: IE/UFRJ, 1997.

LEMOS, M. B.; SANTOS, F.; CROCCO, M. Condicionantes territoriais das aglomerações industriais sob ambientes periféricos. In: DINIZ, C. C.; LEMOS, M. B. (Orgs.) **Economia e território**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

LOPES, F. R. A.; COSTA, Jaciara K. B. da.; ARAÚJO, José L. L. O Artesanato do Bairro Poti Velho como Patrimônio Cultural e Agente valorizador da Cultura, Identidade e Turismo Local em Teresina – PI. CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA E PATRIMÔNIO CULTURAL: PATRIMÔNIO, SOCIEDADE, MUSEUS. 3ª, Parnaíba, **Cadernos de Resumos**, Parnaíba, Piauí: EDUFPI, 2012.

MARCONI, M. DE A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. 7ª. edição. São Paulo: Atlas, 2008.

MARINI, M. J.; SILVA, C. L. da. Desenvolvimento regional e arranjos produtivos locais: uma abordagem sob a ótica interdisciplinar. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, v.8, n. 2, p.107-129, mai-ago, 2012.

MARTINS, R. A; MELLO, C. H. P.; TURRIONI, J. B. **Guia para elaboração de monografia e tcc em engenharia de produção**. São Paulo: Atlas, 2014.

MOURA, A. M. de A. A importância dos arranjos produtivos locais como estratégia de desenvolvimento das micro e pequenas empresas. **Administradores: o portal da Administração**. Produção Acadêmica. Estratégia em Organizações. Abril, 2008. Disponível em: <<http://www.administradores.com.br/producao-academica/a-importancia-dos-arranjos-produtivos-locais-como-estrategia-de-desenvolvimento-das-micro-e-pequenas-empresas/616/>> . Acesso em 25 mai. 2015.



MULHERES de Poti Velho transformam suas vidas através da cerâmica. **Rede Globo: Ação**. Rio de Janeiro, maio, 2014. Disponível em: <<http://redeglobo.globo.com/acao/noticia/2013/11/mulheres-de-poty-velho-transformam-suas-vidas-atraves-da-ceramica.html>>. Acesso em: 20 mai. 2015.

PIAUÍ possui incubadora cultural. **Sapiência**. Reportagem. Teresina, Piauí, set. 2008. p.11.

PRYSTHON, C.; SCHMIDT, S.; SILVEIRA, M. Engenharia produz, a sociedade utiliza. **Perspectiva Ciência da Informação**, v. 11, n. 3, p. 416-423, set./dez., 2006.

SAMPAIO, C. A. C.; LEÓN, I. C. de; DALLABRIDA, I. S.; PELLIN, V. Arranjos socioprodutivos de base comunitária: arranjos produtivos locais pensados como arranjos institucionais. o caso da mondragón corporação cooperativa. **O&S**, v.15, n.46, Jul/Set, 2008.

SERAINE, Ana Beatriz M. S., Políticas públicas de apoio ao segmento artesanal piauiense. In. **Ressignificação produtiva do setor artesanal na década de 1990: o encontro entre artesanato e empreendedorismo**. 253f. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, São Paulo, 2009.

SOUZA, Eda C. L. de; GUIMARÃES, Tomás de A. Empreendedorismo. Aspectos Conceituais. In:____ (organizadores). **Empreendedorismos além do plano de negócio**. SEBRAE. São Paulo: Atlas, 2005.

SOUZA, S. D. C. de; ARICA, J. Mudança tecnológica e estratificação competitiva em um arranjo produtivo do setor ceramista. **Produção**, v.16, n.1, p.88-99, jan/abr, 2006.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.